

# CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 23 de Setembro de 1889

ANNO III

Assig. por mez... 500 réis.  
Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira, Julieta de Mello, Srs. Silvio Pellico, Pedro Goudel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brigido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Canarim Junior, Wenceslau Bueno, Francisco Dutra, Carlos de Faria, Franc de Paulicéa e Oliveira Gondim.

NUMERO 37

Escriptorio d rua de João  
Pinto n. 40

## CREPUSCULO

### LETRAS

23 de Setembro de 1889.

VI

Achamos graça em certas criticas, que repetidas vezes lêmos nesses periodicos, cujos redactores, já tiveram a ousadia de reunir em folheto as produções de seus cerebros, produções sem nexo, sem forma, sem arte e apenas caracterisadas pelo perfume latrinario que transludam.

Um das dessas criticas dizia que um certo folheto demonstrava que os auctores caprichavam no pollimento das phrases, deixando em plano secundario o fundo. Mais claramente: que o folheto alludido só tinha forma, mas não fundo.

Ligando, como os Orientaes, grande amor á Forma, procurámos ler tal folheto.

Em todas as paginas os autores mostravam não conhecer as mais triviaes regras da Grammatica: não sabiam fazer a concordancia de um adjectivo com um substantivo, do sujeito com o verbo!

Os vicios de linguagem se succediam uns aos outros: echos, cacophatos, collisões, perissologias, toda a sorte de barbarismos e solecismos.

Palavras technicas de um movimento proprio das visceras eram empregadas para significar as funcções do estomago! Impropriedades de termos crivavam o folheto *mignon* e apesar de tudo, Araripe Junior, escreveu que tal producção, posto que não tivesse fundo, tinha forma!

Ou tal apreciação é falsificada e não foi escripta por Araripe Junior e os taesinhos redigiram-na em sua mesa e deram a paternidade de tal immundicie ao escriptor ou Araripe Junior é uma besta quadrada.

Opinamos pelo primeiro caso.

Fundados nessas criticas de nenhum valor certos pachidermes querem se elevar, se collocar no plano dos homens de talento.

Mas esses cães devem notar que homens, como nós, dedicados á litteratura, conhecedores do mechanismo da palavra, não damos importancia a cousas sem valor, sem merito, embora venham assignadas por pessoas de alguma consideração.

Em nossos gabinetes, sentados á secretária damos de mão a todas as apreciações e em uma analyse rigorosa, recta e justa damos valor áquillo que o tem, e atiramos para a cesta de papeis sujos as cousas inuteis e sem merito, destinando-as para o *water-closet*.

E esses quadrupedes, cujos cerebros negros são de pedra, conhecendo que são alvos do mais cruel e merecido desprezo, apresentam-se ao publico, armados de pedra e lama e vão atirando as pedras contra todos os homens sensatos que passam pelas ruas e com a lama procuram manchar a veste pura e candida dos litteratos talentosos que, consciuos do que valem, não prestam attenção aos latidos da canzuada.

Irritados pelo desprezo publico esses quadrumanos, estrebucham-se de raiva e extravasando a bilis fetida do desespero, procuram morder os calcabhares daquelles que os punem com os tacões de suas botas.

Estrebuchem, mordam se, os entes podres, que seus restos serão rejeitados pelos vermes!

Pestilentos, que com o halito putrido infetaes o mundo, enchendo-o de cholera-morbus, mordei vos!

Vêm-nos á memoria neste instante as provas inequivocas do preparo litterario dos pyramidaes criticos da litteratura catharinense.

Um delles escreveu: «transeuntes que passam», o que prova o seu talento orelhudo.

Um outro escreveu: «funcções peristalticas do estomago», pelo que se lhe pode passar o diploma de besta.

Um terceiro escreveu que um morego intrometteu-se «pelo pequeno orificio que vai de um botão á outro do paletot» de uma donzella e começou a «esvoaçar» no seio.

Isto é magífico, original, esplendido!

Quantas cincadas! Safa!

E os productores de esterquilinios desse jaez são os que se mettem a criticar, esquecendo-se que prestariam melhor serviço como varredores de ruas ou encarregando-se das carroças de limpeza.

Só fazendo-se como o Mestre, o nosso estylista e profundo philologo, Julio Ribeiro, mandando taes criticos:

A's moscas do bregal.

## PHRASES AEREAS

Oh! nem o tempo, nem a nossa longa ausencia, que parecia infinita, nem a tua repulsão inexoravel... nada conseguiu siquer attenuar a immensidade deste sentimento ethereo que agita-me a alma, impulsionando-a para ti—creatura adorada!

A tua imagem formosissima, reflectindo-se nas paginas mais lócantes de minha lugubre historia, accelera as emoções vehementes, que, sob o magico influxo do teu olhar limpido e bello, impelliram-me a amar, a amar como só se pôde amar uma vez na vida!

Ai!—foi o aspirar ardentissimo de uma felicidade inaccessible que precipitou-me no cahos dos desenganos lethaes!

Só—no recinto morbido do ermo, onde os lampejos opalinos do luar vinham esbater-se tristonhos—envolta no manto da angustia, presa de anceios loucos, de soffrimentos inenarraveis—eu recordava saudosa o meu passado luminoso, o vicejar dos roseos devaneios de minha fantasia enthusiasista, quando descortinava-me o futuro um eden de delicias suavissimas!

Foi então que surgiste bello e scintillante, erguendo me das trevas: no teu semblante attrahente fluctuava um sorriso doce, um desses sorrisos divinos que ascendem a alma, ao regaço do extasis supremo!

Ah! eu devera á luz d'este amor immenso, apaixonadamente, puro dizer... dizer-te que... és tu a visão aurea dos meus sonhos, o lucido fanal do meu destino!...

Mas meus labios tremulos de jubilo emmudeceram!

Vi te, senti-te bem junto a mim, após tantos annos de atroz separação— quiz fallar-te e não pude!

Não importa!

Fixa-me compassivo o teu fulgurante olhar e feliz, como quem nunca teve magoas, exultarei na elnez ineffavel da ventura.

JULIA CAVALCANTI.

Pelotas.

## PEQUENA THESE

Houve alguém um dia que, por matar o tempo, escrevera um conto litterario referente a certos individuos, que vivem do trabalho de outrem, apoiados neste lemma: «Se

o trabalho é honra, honrados são os burros.»

Elle fallava em these, mas no entanto não faltou quem quizesse dar ao artigo referencia particular a um determinado rapaz, que (cousa estranhavel!) mostrava-se digno de boas amizades, e que era mesmo tido como amigo entre os que jogaram sobre si as considerações do conto litterario.

Ora, quando não se falla hypotheticamente, mas sim em these, e que as considerações n'esta emittidas, boas ou más, se julgam applicaveis a uma particular individualidade, é responsavel quem as emittite, ou quem as applica?

Desejava ler, relativamente a este ponto, a opinião de algum escriptor.

P. GOUDEL.

21 - 9 - 89.



I

Que dia hoje!... Faz frio, céu nublado e mar sereno.

Um leve bhirlo de andorinha atravessava o ambiente tristonho, e fitando as bandas do occaso passava um bando de gaivotas fugitivas...

Era primavera, mas primavera triste...

Passei entercalando nos dedos uma bengala de junco, tirei o meu chapeo e disse-te—boa tarde.

— Sorriste e disses-te-me—boa tarde.

O teu sorriso foi uma primavera, mas primavera sumptuosa e suprema!...

Era o que eu queria—esse sorriso que me deu venturas e me tornou feliz...

Sorriste? como foste boa...

Só a brancura gentil dos teus dentes, verdadeiro areal de perolas, vale um poema!

— Que dia! não?... faz frio e o leve sopro da aragem que vem do meio dia torna a primavera triste e encrespa as petalas das flores...

Enlejada ao pescoço vejo uma pequena mantilha de-lã, encarnada, muito encarnada como carmim.

Passei entercalando nos dedos uma bengala, na occasião em que fitando as bandas do occaso passava um bando de gaivotas fugitivas...

II

Passei, fui até lá... voltei...

Inda nublado o céu, inda sereno o mar...

Pairou a aragem. O nevoeiro baço que nublou o céu desaparecia aos poucos; o occaso tingia-se de um auri-escarlata vivo—era a luz penetrante do crepusculo que reflectia nas grimpas da montanhas.

O mar sempre sereno...

Passei outra vez, olhei-te, olhaste-me... julguei que em teus olhos morasse algum astro scintillante, só pelo teu olhar que eu ou no meo rosto tanta luz, tanto brilho...

Tirei outra vez o meu chapeo, e desta vez fui eu quem te sorriu...

Tinhas a feição, Maria, cheia de bondade e por sobre ella havia um manso rastejar de carmim sufficiente para encantar te, a ti que já és por excellencia um mystico encanto!

E assim, tendo um gesto de fanfarrice, proprio de enthusiasmo que se ganha quando se vê uns olhos como os teus—com tanta luz, uns dentes como os teus—com tanta alvura; fui passando contente, e no occaso sumira-se aquelle bando jovial de gaivotas fugitivas que voavam na occasião que eu passava para lá...

Agora, o céu é claro e azul, limpido e estrellifero, apesar da serenidade lugubre do mar!...

SABBAS COSTA.

Desterro—10—Setembro—89.

PEDAÇOS D'ALMA

Do album da interessante menina Olga Natividade

À IBRANTINA

As tuas flores

Risonhas, alegres, perfumosas, como os teus vinte annos, chegaram-me ás mãos as tuas flores, as tuas florinhas modestas como a aragem da manhã, como as auras crepusculares dos dias de setembro. Tão singelas, tão meigas como as criancinhas que, com seus sorrisos cheios de innocencia, com seus sorrisos cor-de-rosa e alvo, com seus gestos ternamente infantís, fazem o infinito da felicidade das mães, das mãesinhas idolatradas pelo Senhor!

Oh! as tuas flores valem um poema de risos, de hymnos alegres, de phantasias suas ves como o gorgeio dos nossos plumeos cantores; valem toda a sinceridade de um coração amante; ellas merecem ser conservadas em um envolvero invisivel, formado de beijos ternos e suspiros doces!

Oh! as tuas flores!...

Podesse eu abrir o coração e dentro deste escrição sagrado seriam ellas conservadas, para que não lhes matasse o brilho e o perfume a scintillação das estrellas, —as obdientes ovelhinhas de Deus, quando, pelas noites sem lua, eu lhes confessasse o que de grande, por ti, «sjnto dentro d'alma».

Recebi as tuas flores e com ellas... o teu perdão.

Oh! que coração tão puro e bondoso tens!

O teu perdão! Como eu o desejava! como eu o esperava!... com a «alma ajoelhada», o coração em prantos, abraçado á Esperança e a Fé, companheiras sublimes dos martyrios longos!

E tu perdoaste-me, flor?

— Quanto te devo!

No mar do crime, eu senti a vida, então sombrio batel de cores da noite, luctando no oceano borrascoso do infortunio, batida furiosamente pelo vendaval da amargura, que mais temerosas alevantava as ondas da desgraça, espumantes de dissabores. Longe, muito longe, eu, pobre e descorsoado nauta, só, cercado, batido, por tão horroroso conjunto de mares encapellados, tendo por piloto a Fé, a Esperança por bussola e como roteiro a tua virtude, divisava um ponto branco no céu da existencia. Era a protectora nuvem do arrependimento que bonanço-

samente levou o meu batel negro de encontro a um porto seguro, de rosas enfeitado e adornado por folhagens verdejantes:—o teu perdão!

— Oh! quanto te devo, flor!...

F. CARDONA.

1-8-89.

DEJANIRA

Vi-a no templo, ajoelhada, a fronte docemente abatida, a curva suavissima do seio agitada brandamente pelas pulsações do coração. O vestido preto realçava-lhe o soberbo cóllo eburneo.

Contemplei-a assim largo tempo, admirando-lhe o perfil correcto, a cintura mimosa, as mãos alvinitentes, a bôca tentadora, as madeixas de ebano, até que ella ergueu magestosamente o rosto pensativo...

E os seus grandes olhos negros e mysteriosos em mim se cravaram, e delles fugiu um olhar, avelludado como uma petala de flor, tremulo como um raio de lua, doce e meigo como uma caricia de noiva.

Nesse instante o organ chorou a sua musica solemne, melancolica e lugubre; e os olhos negros e mysteriosos baixaram-se de novo sobre o livro,

O meu olhar continuava enamorado da graciosa compostura, do porte formoso e juvenil da donzella, mas o pensamento voava já bem longe.

Lembrava-me do épico dos *Luziadas* encontrando-se pela primeira vez com Catharina de Athayde n'uma igreja de Lisboa; recordava-me do amor desventurado que a esse encontro se seguiu, e dos soffrimentos que o poeta padeceu por causa da sua Nathercia.

A suavissima visão ainda se achava diante de mim; na poetica obscuridade das naveas a sua celestial formosura destacava-se vibrante e magnifica.

Terminou, porém, a piedosa devoção; apenas ouve se agora esse sussurro caracteristico da gente que vaé sahindo.

Eis que passa por mim a angelica creatura; dos seus grandes olhos chispou um raio celestial que, despedindo fulgores, espadanando reverbêros, foi clarear as profundezas de minh'alma.

E a purissima visão desapareceu célere como uma walkyrir, mas deixando-me no coração indeleveis de sua passagem.

O. M.

Os botões

Eram de madreperola, simples e até parece exquisito que alguém tivesse tanto amor assim áquelle par de botões que me deu uma moça que canta como um rouxinol e é boa como os anjos do céu.

Mas que indiscretos magicos!... Apenas eu justava os punhos, lá estavam os dons a cochichar, a contar-me historias es-pontuando finos sorrisos de creancinha com tosse.

— O' mano, ó mano ! que tempo immenso levámos presos no lenço rendado, cheiroso de violeta, onde brincavamos de esconder por traz dos beijos que nos dava a menina, porque iam ser o primeiro mimo.

— Psiu ! interrompia o outro, porém, após, curto silencio. Depois estivemos na caixinha do leque, depois no porta-joias, depois...

E eu, nervoso sacudia os punhos, calando-os; e alegre e triste, triste e alegre, chorava e ria lembrando-me o momento em que n'um cartão intercallado as syllabas de *souvenir*—qual se a pronunciasse em soluços—vieram-me aquelles botões simples, de madreperola, mimo de uma moça que é boa como os anjos do céu e canta como um rouxinol.

Quando a deixei recolhida na saudade, como uma estrella em um novello de brumas, trouxe-os como lembrança viva de tão adorada creatura. Nunca os deixava, nunca ! Viviam commigo juntos; quando escrevia batiam elles sobre o papel com a cadencia das rimas; ora cantando, ora rindo, e soluçando as vezes, os indiscretos magicos, os encantados palradores...

Porém—com magua o digo !—perdeu-se um delles, n'um dia em passeio á Tijuca.

Pobre botão ! cahiu com o punho. .

Que o proteja o vento, e tanja-o, role-o, role-o pela espiral da estrada o sacuda-o no mar para que as ondas conduzam áquella que m'o deu e della ouça a historia triste da minha desventura...

Ambos encerravam uma lembrança, duas lembranças hoje guarda este outro que fico e que já não anda commigo.

Teuho-o fechado com o punho e só á noite, occulto, de joelhos, beijo-o, interrogo-o chorando e o pobresinho tremulo como passaro assustado, balbucia saudoso toda a vida de meu amor e todo o amor da minha vida, que é aquella moça que canta como um rouxinol e é boa como os anjos do céu.

GUIMARÃES PASSOS.

## PEROLAS DE OPHIR

## DESPEDIDA

De longe a soluçar nos éstos da saudade, entre o tormento e a dôr, e'o peito apunhalado, lembrando-me de ti, de mim e do passado, sob esta ausencia atróz que em dó minh'alma invade...

De longe, olhando o céu e toda a humanidade, o coração oppresso em lucto e esphacellado, os olhos rasos d'agua e o seio espedaçado, tacteio nos parcéis d'atroz fatalidade...

De longe, a me chorar, chorando mundo á fóra, em busca do porvir que a s'na concedev. vou afflicta partir, sem crença mais agora.

mandando-te, a gemer, no triste canto meu, o adeus que não vé a casta luz d'aurora, mas que tem pranto só banhando o peito teu !

Ibrantina de Oliveira

Desterro, 3 de Abril de 1889.

## CREPUSCULO

Era uma tarde tão fria !  
descera ás vagas do sol;  
lingia os véos do poente  
o purpurino árrebol !

Nas franças das pitangneiras.  
saudosos trenos soltava,  
a meiga rola innocente,  
que n'um galho se embalava

Maravilha, a flor da noite,  
seu calix tenue pendia;  
suas pet'las perfumosas  
brancas e roxas, abria!

E vinha a onda travessa  
a esquiva praia beijar;  
vinham cíelos da brisa  
segredos me revellar;

E vinha a terna harmonia  
do canto de um pescador,  
em echo doce, pulgente  
fallar do passado amor!

A hora, o silencio, a vaga  
o canto do pescador,  
os ternos da rola, a brisa,  
o aroma do bosque, a flor,

Tudo faltava á minha alma  
n'a quella folha tão cara  
do livro da minha vida,  
que a mão do fado rasgara.

Recordações e saudades,  
das tardes que ja passei;  
da minha quadra de rosas,  
de quando sonho idéei!

Mas, oh, crepuse'lo da tarde  
côou me as veias teu gelo!  
ou declinas e eu tambem  
ja trago da morte o sello!

Amanhã sombras saudosas  
surgireis de novo á vida,  
mais eu da morte no leito  
não serei jamais erguida ?

Adeus, oh, tarde de encantos  
—ventura crepusclar !—  
nunca mais sonhos e risos  
verei á tarde voltar.

Revocata de Mello.

Rio Grande do Sul.

## PERTO DO SUL

A Francisco Cardona

I

Nestas paragens férteis, formosissimas,  
aqui n'estes bellissimos logares,  
todas as horas correm suavissimas  
como os cantos das aves nos pomares;

todos os dias passam venturosos  
sempre cheios de calma e de doçura  
ah ! nada como os tempos deliciosos  
dos que vivem na paz e na ventura !

Perto do Sul: aqui o sôl dos trópicos  
dá mais vida, mais seiva, mais fulgores  
aos corações, ardente e cyclópicos  
de crenças, de esperanças e de amores...

Sim. N'este sólo tudo se avigóra:  
cérebros, almas, nervos, sangue, vida;  
vive-se aqui n'uma completa aurora  
fresca, esplendente doce e refflorida !

II

Como eu gôsto de andar n'estas estradas  
longas, candentes quando o sôl abraza,  
onde os passaros rúflam sempre a aza  
em direcção as regiões aládas !

III

Tu que tambem no Sul vives e môras  
sob este sôl e ceu e mesma zona,  
segue sempre esta luz, estas auroras  
do Sul, tu que és do Sul, ó meu Cardona.

CARLOS DE FÁRIA.

Jaguaruna, — 12—9—89.

(Dos Meteoros)

## Ou auel de teus cabellos

A José Alves

Feliz de mim que hoje guardo  
um anel dos teus cabellos,  
n'um fino cofre doirado  
a sombra dos meus desvelos,  
feliz de mim que hoje guardo  
um anel dos teus cabellos.

Sou bem feliz sim creança  
por tel-o bem junto a mim,  
como uma eterna lembrança  
d'aquellas noites sem fim,  
Sou bem feliz, sim, creança  
por tel-o bem junto a mim.

Quando sósinho sysmando  
em ti, ó anjo, somente  
chorando, beijo-o, chorando  
por de ti viver ausente,  
quando sosinho sysmando  
em ti, ó anjo, somente.

Não sabes tu meu amor,  
todo bem que me fizeste  
em dar-me tanto penhor,  
penhor tão santo e celeste,  
não sabes tu meo amor  
todo bem que me fizeste.

Se alguém ousasse roubal-o  
meu Deus, meu Deus n'esse instante  
e eu pudesse encontral-o  
ainda em roubo fragrante,  
se alguém ousasse roubal-o  
meu Deus, meu Deus n'esse instante.

Porém que idéa é a minha ?  
quem éque pode-o roubar ?  
—se é uma lembrança minha:  
só eu a posso guardar ? !  
porém que idéa é a minha ?  
quem é que o pode roubar ?

Se trago-o de noite e dia  
bem junto, bem junto a mim,  
porque meu viver irradia  
n'essa tristeza sem fim,  
se trago-o de noite e dia  
bem junto, bem junto a mim ? !

Feliz de mim que hoje guardo  
um anel dos teus cabellos,  
n'um fino cofre doirado  
a sombra dos meus desvelos !

TIMOTHEO MAIA.

Desterro, Agosto—89.



### Em extase d'amor sempre enlevado

SONETO

Adoro no meu intimo intellecto  
O Summo Criador, com reverencia !  
Admiro-lhe a suprema intelligencia  
No conjuncto das obras, tão selecto !

Admiro mais ainda quão dilecto  
O humano ser lhe appraz, da-lhe sciencia,  
E effeitos mil da grã beneficencia  
A bondade eternal amo e respeito!...

Da sublime belleza mais perfeita  
Do summo bem por todos venerado,  
Minh'alma existe assim, sempre repleto !

Eu amo o nosso autor, que ha realisado  
A inteira criação, que nos deleita,  
Em extasi de amor sempre enlevado !

Franc de Paulicéa M. de Carvalho.

Ondina, 10 de Julho de 1889.

## A MORTA

Adeus... eu volto um dia... não sei quando...

Apenas murmurou,

E, apertando-me a mão enregelada,

Os olhos seus fechou.

Na pallidez marmorea tinha as faces

Ainda assim formosas...

Depois ... eu me recordo, amortalhada,

Cobriram-n'a de rosas.

Deitou-lhe o sacerdote a agna benta,

E o prestito funereo,

Após o DE PROFUNDIS, conduziu a

Ao triste cemiterio.

A' noite entro no quarto... o travesseiro

Couserva ainda o signal

Da cabeça que alli se reclinara...

No chã vejo o dedal

O seu dedal de prata, e sobre a meza

A ultima costura...

N'a quella solidão tudo me falla

Da morta creatura.

Vou sentar-me no leito, e da agonia

A dor atroz senti...

Mas subito uma voz me diz baixinho:

—Socega...estou aqui.

Soares de Souza Junior.

## LIVRO DE NOTAS

### LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

O distincto director do Lyceu de Artes e Officios acaba de enviar circulares a imprensa e a diversas pessoas no caso de agenciarem para esse importante estabelecimento objectos que lhe sejam utis e aproveitaveis.

O director do Lyceu que é um homem atirado ás lides de tudo quanto é util, como por exemplo: a educação da mocidade, merece por esses feitos sinceros e entusiasticos applausos.

Agradecendo respeitosa e delicadamente, oriunda d'uma pessoa tão altamente civilisada como S. S., fazemos votos as suas ideias sejam satisfactoriamente realisadas.

— Eis a circular com que nos distinguio o delicado clinico Sr. Dr. Paula Guimarães:

« Lyceu de Artes e Officios, Santa Catharina, 12 de Setembro de 1889. — Entre as instituições desta provincia, nenhuma sobreleva em importancia ao Lyceu de Artes e Officios. Embora tenha prestado e continue a prestar, modesta mas seguramente, serviços reaes á educação popular, franqueando gratuitamente suas aulas nocturnas aos individuos dos dous sexos que as procuram, este estabelecimento acha-se ainda longe do ideal de seus benemeritos instituidores.

A' energica iniciativa, ao gigantesco impulso do illustre commendador Bittencourt da Silva, que obteve, após incessante batalhar, o efficaz auxilio do governo e do publico, deve a Côrte do Imperio um de seus mais bellos monumentos.

« Se o Lyceu de Artes e Officios tiver imitadores em todas as nossas provincias, disse o visconde de Beaurepaire Rohan, dentro de poucos annos terá o Brazil dado um grande passo na senda do progresso. Tal deve ser o desejo de todos os Brasileiros.» As palavras judiciosas do venerando general litterato já tiveram confirmação plena em algumas provincias, que—justamente orgulhosas de instituições analogas—apresentam eloquentes attestados do que podem o trabalho, a dedicação, o entusiasmo de quem não recua de encontro aos obstaculos antepostos sempre ao progredimento das grandes idéas.

Nesta provincia pequena e esquecida, apesar dos seus gloriosos feitos e admiraveis recursos, o illustrado Dr. Theodoreto Souto, auxiliado por alguns cidadãos de boa vontade, inaugurou o Lyceu popular, para o qual me animo a chamar a attenção de V... Tendo assumido o cargo de director e desejando ardentemente continuar a obra de meus antecessores, venho appellar para a generosidade de V... que—patriota como é—não recusará seu valioso auxilio em favor da benemerita instituição que tenho a honra de representar, dignando se offerecer—quer obras

litterarias, scientificas ou didaticas, para a bibliotheca—quer curiosidades e specimens de historia natural, para o Museu, quer objectos apropriados ao ensino litterario ou profissional—mappas, gravuras, modelos, quadros—qualquer cousa, emfim, que possa directa ou indirectamente contribuir para a prosperidade do nosso estabelecimento e facilitar a diffusão do ensino nas aulas ou nas officinas.

Tenho certeza de que V... nutre a intima convicção de que deve ser garantida, tanto pela protecção do governo como pela iniciativa individual, uma instituição que não pode deixar de despertar o sympathico interesse de V...

Qualquer objecto que V... tiver a gentileza de remetter, poderá ser dirigido ao abaixo assignado—em sua residencia á rua Trajano n. 27, ou á noite no edificio do Lyceu, devendo ser publicada, para garantia do recebimento, nos jornaes desta capital, a relação dos objectos offerecidos.

Antecipando meus sinceros e fervorosos agradecimentos pela coadjuvação que V... certamente prestará ao nosso Lyceu, peço licença para subscrever me, etc., etc.—O director, Dr. Francisco de Paula O Guimarães.»

### Entre nós

A 20 do corrente regressou da Corte a esta capital o illustrado e cavalheiroso catharinense sr. José Ramos da Silva Junior illustre chefe da Thesouraria de Fazenda d'esta cidade.

—No mesmo dia chegou a esta cidade vindo de Montevidéo, onde reside, o illm. sr. José Nicolich cunhado do nosso distinctissimo e conceitudo conterraneo sr. Candido Melchiades.

—No dia 18 chegou de Nova-Trento o nosso sincero e delicado assignante sr. Alferes Thiophilo Cardozo, que havia seguido áquella localidade em commando de um pequeno destacamento.

Cumprimentamos cordeal e respeitosa-mente aos dignos recém chegados.

## ALEXANDRE NICOLICH

Depois de prolongado soffrimento expirou na manhã de 15 do corrente este distincto moço cujo nome enlutece estas linhas.

Quem não conhecia o infortunado moço, ignorava um coração generoso; nós que o copheciamos, tivemos occasião de apreciar o quanto Alexandre Nicolich era generoso e delicado.

Trabalhador assiduo, infatigavel e corajoso, o pobre moço achava se a testa da conhecida Pharmacia Popular quando a doença prostrou-o longo tempo no leito e depois a morte, eternamente sob a louza de um tumulo.

E' doloroso !

O *Crepusculo* enviando a sua exma. familia seus votos de pezar, desfolha sobre seu tumulo um bando de alecrins, uma chuva de saudades.